

O (DES)INTERESSE PELA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE A PERSPECTIVA DOS ALUNOS E DA AÇÃO ESCOLAR

Lays Emidian Soares (IC) e Milena Colazingari da Silva (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

A presente pesquisa visou apurar os motivos que provocam o desinteresse em estudantes do Ensino Médio, investigando a percepção dos próprios alunos. Para tanto, baseou-se no estudo sistemático de teses e dissertações relacionadas ao tema, que se dispuseram a dar voz aos estudantes a respeito da questão investigada. Quanto ao referencial teórico, a pesquisa baseia-se na teoria do interesse formulada pelo educador norte-americano John Dewey. A busca em diferentes fontes bibliográficas proporcionou a análise de entrevistas variadas, a partir das quais foi possível tecer algumas hipóteses acerca das possíveis causas do desinteresse entre os alunos. Assim, os resultados obtidos indicam que as ações docentes em sala de aula, em sua dimensão metodológica, bem como a relação entre professores e alunos geram repercussões sobre o interesse dos estudantes pela aprendizagem. De modo geral, os alunos reivindicam aulas mais participativas e dialogadas, ministradas por professores engajados em sua prática profissional e que, ao mesmo tempo, demonstrem interesse por quem seus alunos são. Notou-se, ainda, que o currículo escolar também afeta a motivação dos alunos pela escola. Nesse aspecto os alunos requerem o desenvolvimento de conteúdos escolares mais próximos ao seu cotidiano, tal como explicitado por John Dewey. Por fim, a fala dos alunos indica a necessidade da escola criar formas de explicitar para os mesmos o sentido da sua própria existência. A finalidade da escola, que pode parecer óbvia para os que nela atuam, não é claramente conhecida por boa parte dos estudantes.

Palavras-chave: Alunos. Ensino Médio. Desinteresse.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the reasons that cause disinterest in high school students, investigating the perception of students themselves. Therefore, it was based on the systematic study of theses and dissertations related to the topic, which were willing to give voice to students regarding the issue investigated here. As for the theoretical framework, the research is based on the theory of interest formulated by the American educator John Dewey. The search for different bibliographic sources provided the analysis of varied interviews, from which it was possible to make some hypotheses about the possible causes

of disinterest among students. Thus, the results obtained indicate that the actions of teachers in the classroom, in their methodological dimension, as well as the relationship between teachers and students, can generate repercussions on the interest of students in learning. In general, students demand more participatory and dialogued classes, taught by professors engaged in their professional practice and who, at the same time, show interest in who their students are. It was also noted that the school curriculum also affects students' motivation for school. In this aspect, students require the development of school contents closer to their daily lives, as explained by John Dewey. Finally, the students' speech indicates the need for the school to create ways to explain to them the meaning of their own existence. The purpose of the school, which may seem obvious to those who work there, is not clearly known by most students.

Keywords: Students. High school. Disinterest.

1. INTRODUÇÃO

O desinteresse do aluno pela aprendizagem está presente na educação contemporânea e representa um dos principais problemas que aflige a educação brasileira, tal como ilustra o seguinte relato docente:

No exercício de minha atividade profissional em sala de aula, percebi que conseguir a atenção dos alunos não seria tarefa fácil. (SILVA, 2010, p.15). (...) ler concentradamente para entender um texto, seja ele literário ou científico; debruçar-se sobre uma imagem ou um filme, para, da mesma forma que o texto, refletir sobre ele e escrever sobre o que leu, viu e entendeu, são atividades da educação formal. Porém, a partir de nossas pesquisas e vivências em sala de aula, podemos afirmar que tais atividades são de ínfima importância para grande parte dos alunos das escolas públicas do Estado de São Paulo na contemporaneidade. (SILVA, 2010, p.15/16)

Tal relato manifesta a preocupação dos professores e daqueles que atuam na educação, uma vez que, a falta de interesse dos alunos pode trazer consequências negativas para a educação. Dados do ano de 2017 indicam que 40% da população brasileira, entre 25 e 34 anos, não possui o Ensino Médio completo. Assim, embora o acesso a esse nível de ensino tenha sido universalizado, ainda não está assegurada a permanência e conclusão da educação básica em nosso país (INSTITUTO UNIBANCO, 2017).

Para além das consequências educacionais, destaca-se o impacto social desta realidade educativa. Em estudo elaborado por Ricardo Paes de Barros mostra-se que as consequências da não continuidade dos estudos são relevantes: “Os impactos se manifestam na qualidade de vida, no estado geral da saúde, na quantidade de filhos e até na probabilidade dos filhos de concluírem os estudos.” (INSTITUTO UNIBANCO, 2017). Há impactos também no aspecto financeiro:

No que diz respeito à renda, a discrepância é ainda maior. Os indivíduos com Ensino Médio completo apresentam uma renda mensal per capita de R\$ 1.425, ante R\$ 645 daqueles que não concluíram os estudos. De acordo com uma comparação feita, aqueles que completaram o Ensino Médio têm até 77% de chance de ter uma ocupação formal aos 35 anos de idade, enquanto que entre os que abandonaram os estudos antes de concluir essa etapa da educação básica a taxa é de 50%.

Ao longo da história, a concepção de educação passou por transformações. Um marco importante para educação ocorreu em 1932, com o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Esse período foi revolucionário para a educação, pois o aluno deixou de ser um sujeito passivo e passou a ser ativo, tornando-se o centro do processo de aprendizagem (ARANHA, 2006). Nesse contexto, considerando o aluno como o indivíduo principal no

processo de aprendizagem, cabe um questionamento: por qual motivo os alunos sentem-se desinteressados pela escola e por sua aprendizagem?

Considerando-se tal questão, o objetivo da pesquisa aqui apresentada envolveu investigar as justificativas apresentadas pelos alunos do Ensino Médio para explicar a sua falta de interesse pelo aprendizado e pelo conhecimento.

Inicialmente foi planejado como metodologia para este estudo, coletar dados por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo. Porém, considerando a impossibilidade de realizar as entrevistas em decorrência da pandemia causada pelo novo coronavírus, surgiu a necessidade de adaptar os procedimentos metodológicos deste estudo. Assim, esta investigação se deu por meio do trabalho de revisão de literatura. Por revisão de literatura, entende-se:

Revisão da literatura é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. “Literatura” cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos. (BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS, 2015).

A busca teve auxílio do Catálogo de Teses & Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com a intenção de encontrar teses e dissertações semelhante ao objeto de pesquisa aqui desenvolvido, para o aprofundamento da temática e coleta de informações para a pesquisa. Com objetivo de delimitar a busca, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: interesse, desinteresse, aluno, Ensino Médio e escola. Foram escolhidas para a análise seteteses e dissertações, publicadas nos últimos vinte anos, em diferentes universidades do Brasil. Além desses requisitos, as pesquisas também deveriam contar com depoimentos de alunos do Ensino Médio acerca do seu interesse ou desinteresse pela escola.

A alteração da metodologia resultou em um estudo acerca do desinteresse dos estudantes do Ensino Médio, a partir de depoimentos dos mesmos, presentes nas teses e dissertações estudadas. Foi possível obter informações de diferentes estudantes em contextos sociais distintos, bem como compreender o desinteresse de estudantes de diferentes localidades do Brasil. Com efeito, o esperado é ainda realizar as entrevistas semiestruturadas com estudantes do Ensino Médio em outra oportunidade, todavia, constatou-se que a revisão dos estudos possibilitou compreender de forma mais ampla o tema em questão, vez que o leque de depoimentos dos alunos foi ampliado.

Abaixo, será apresentada a listagem das sete pesquisas acadêmicas sobre o desinteresse dos estudantes do Ensino Médio, que foram revisadas, contribuindo para o desenvolvimento desta investigação:

BIADOLA, Vilma. **Motivação para aprendizagem dos alunos do Ensino Médio de uma escola:** estudo de caso. 2002. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Produção, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CROCHICK, Nicole. **Interesse de saber:** um estudo com adolescentes do Ensino Médio. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FRANKIV, Marianna Angonese. **O (Des)interesse dos Estudantes do Ensino Médio Integrado em uma Instituição Federal de Ensino.** 2016. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

GOUVEIA JÚNIOR, Sérgio Augusto. **Jovens alunos no Ensino Médio e suas relações com a sala de aula.** 2015. 193 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

OLIVEIRA, Cássio Rodrigo de. **A indiferença de estudantes do Ensino Médio pelo conhecimento escolarizado:** reflexões de um psicólogo a partir da perspectiva Histórico-Cultural. 2017. 90 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2017.

REIS, Roseli Regis dos. **Juventude e conhecimento escolar:** um estudo sobre o (Des)interesse. 2014. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, César Augusto Alves da. **Indústria cultural, educação escolar e currículo:** a contradição ocultada e o desinteresse dos alunos pela educação formal. 2010. 175 f. Dissertação (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Considerando-se o problema de pesquisa apresentado e os objetivos desta investigação, importa discutir o entendimento do conceito de interesse aqui em perspectiva. Para tanto, será utilizada a concepção formulada pelo filósofo e educador norte-americano John Dewey. Sobre o interesse, Dewey (1971) afirma que:

O que é interesse? Interesse é, primeiro, qualquer coisa de ativo ou impulsivo - nós tomamos interesse, isto é, tomamos impulso, empenhamo-nos ativamente nisto ou aquilo. Em interesse não há simplesmente um sentimento inerte ou passivo, mas alguma coisa de motriz, de dinâmico. (DEWEY, 1971, p.70)

Nota-se nesta definição que o interesse para Dewey envolve a atividade humana. Assim, “só é possível tecer considerações sobre o interesse quando se tem previamente convencionado que tratamos de um indivíduo ativo, o agente que é responsável pelas atividades vitais.” (BIN, 2011, p.9). Para Dewey “(...) as palavras interesse, objetivo,

intenção, propósito, motivação, têm significados correlatos” (BIN, 2011, p. 8). A motivação diz respeito a tudo que impulsiona o indivíduo a realizar determinadas ações, portanto, é o que induz o indivíduo a empenhar-se totalmente em seus objetivos. “O interesse mobiliza reservas internas de força e desencadeia a ação, funcionando como regulador de energia. Quando um trabalho interessa, parece fácil, e a fadiga diminui.” (BÜRKLE, 2001, p.40)

A raiz etimológica da palavra interesse tem como origem o termo latino “inter”, que significa “estar entre”. Segundo Dewey (1971, p.70) “o interesse marca a completa supressão de distância entre a pessoa e a matéria e resultados de sua ação: é a união orgânica da pessoa e do objeto”. Deste significado, constata-se que o conceito de interesse será abordado com foco no interesse educacional, de estar entre o aluno e a educação. Neste sentido, Dewey define o interesse escolar como a completa supressão da distância entre o indivíduo, a matéria e os resultados de sua ação (ROCHA, 2011).

Diversos educadores almejam encontrar uma fórmula para o sucesso no processo de aprendizado, contudo, constata-se que o aluno aprende o que desperta o seu interesse. Entre os educadores encontra-se a ideia de tomar o interesse como uma estratégia para o ensino, tendo em vista o envolvimento dos alunos. Contudo, de acordo com Dewey, se existe um esforço para tornar algo importante, isso se dá pelo fato desse conteúdo não ser em si mesmo algo de real interesse. “Para o autor, essa é a forma mais depreciativa de se entender o interesse na educação. (...). Uma prática assim permanece na mera exercitação de prazeres pessoais que são efêmeros e, portanto, não educativos.” (BIN, 2011, p.11)

Por vezes, o motivo da falta de interesse dos estudantes é apresentado como responsabilidade do educador. Nesta percepção, é indispensável que o professor seja cativante e desperte no aluno a vontade de aprender. Contudo, pela prática educacional, percebe-se que reduzir o professor ao trabalho de conduzir a aula para tornar o conteúdo interessante, chamando em todo momento a atenção dos alunos, envolveria obrigá-los a terem interesse por aquilo que naturalmente não chama sua atenção. Desse modo, faz com que o aluno finja um falso interesse, pelo simples fato de que o interesse não pode ser dissimulado: “Desde que temos de tornar as coisas interessantes, é porque o objeto ou a ideia não são em si interessantes. Aliás a própria frase “tornar interessante” é falsa!” (DEWEY, 1971, p.68).

Dewey acredita que existe um equívoco em compreender o interesse do aluno dessa forma, pois não existe uma separação entre o sujeito e o objeto, tornando as coisas falsamente interessantes, portanto, o estudante não pode ficar dependente de estímulos que vem de fora, uma vez que isto pode implicar seu desenvolvimento, limitando sua capacidade, tornando uma pessoa sem iniciativa sempre à espera de estímulos externos. Seria impossível forjar o interesse nos estudantes, a coisa não se torna mais interessante do que de fato é, assim, busca-se como alternativa um conteúdo que desperte no aprendiz seu

interesse genuíno.

De acordo com Dewey, para tornar as matérias interessantes aos alunos, há a necessidade de os mesmos compreenderem o papel delas na realização de atividades do seu interesse. Assim, “(...) tornar mais interessante, não é tornar mais fácil, menor ou mais palatável, mas ajudar os alunos a encontrar significados para as suas experiências, curiosidade e alegria pelo desenvolvimento intelectual.” (BIN, 2011, p.15)

Dewey indica a necessidade das matérias de ensino guardarem relação com a vida social do estudante. Quando essa relação não existe, a aprendizagem torna-se um fim em si mesma. O aluno ao tomar contato com as diferentes áreas do saber, dá seus primeiros passos no conhecimento de temas. Diferente do professor, o estudante está iniciando sua familiarização com as disciplinas e sua compreensão depende da proximidade entre as matérias e suas experiências pessoais. Aqui, emerge o papel do professor em favorecer ao estudante o estabelecimento das relações entre as matérias escolares e suas vivências. Neste caso, estamos diante da figurado professor facilitador (BIN, 2011). Dewey destaca o papel do professor em relação aos interesses do aluno. Para o autor, caberia ao docente o trabalho de organizar o ambiente e os recursos pedagógicos necessários para que “a atividade possa interagir com o meio e com as necessidades e capacidades do aluno a fim de instigar-lhe um interesse legítimo” (BUZIN, 2021, p.93).

O verdadeiro interesse para Dewey está associado com a identificação do “eu” com objeto ou a ideia, pois é importante desenvolver atividades para a satisfação do próprio eu. O indivíduo apresenta diversas mudanças ao longo do seu processo de desenvolvimento, contudo, tem-se a importância de valorizar as forças intrínsecas que o ser humano possui, buscando compartilhar atividades para que o desenvolvimento interno do aluno ocorra de forma plena. De acordo com Dewey, a teoria do interesse está ligada a diferentes condições internas, assim, diferencia-se dos defensores que acreditam que o interesse se dá de fora para dentro, atribuindo o desinteresse dos estudantes a fatores externos.

Interesse verdadeiro, em suma, significa que uma pessoa se identificou consigo mesma, ou que encontrou a si mesma, no curso de uma ação. E daí se identificou com o objeto, ou a forma de agir necessária à prossecução feliz de sua atividade. (DEWEY, 1971, p.85)

A identificação do “eu” e o objeto não se resume em uma simples satisfação pessoal, deste modo, constata-se que “o interesse está intrinsecamente relacionado ao fim da distância entre as pessoas e os resultados da ação da pessoa” (ROCHA, 2011, p. 114). Para tanto, a escola deveria proporcionar aos alunos um ambiente favorável à vivência de situações de aprendizagem próximas às da sua vida social. O aluno deveria sair da escola notando seus aprendizados em sua vida cotidiana (BUZIN, 2021).

Dewey entendia o processo educacional como resultado da junção entre atividades planejadas pelo professor, motivando no aluno o interesse e o esforço. Na concepção teórica de Dewey, interesse e esforço são complementares. O interesse, pensado pelo professor, consistiria na identificação do eu do aluno com as ações, objetos e ideias escolares. O esforço, consecutivamente, partiria do aluno, inspirado pelo próprio interesse: “o esforço seria a consequência espontânea necessária para a conquista da atividade que o interessaria” (BUZIN, 2021, p. 96). Emocionalmente o interesse, segundo Dewey, corresponderia à subjetividade, à importância que damos a um determinado objeto ou ideia, fruto da identificação pessoal com a atividade.

Num primeiro momento, um aluno pode não identificar relação entre a matemática e sua utilidade social, deixando de sentir interesse por ela. Contudo, ao notar relações entre a matemática e suas atividades diárias, o aluno pode passar a nutrir um interesse pessoal pela disciplina. Somente neste caso, estaríamos diante de um interesse genuíno por parte dos alunos, motivador do seu esforço na realização de aprender e descobrir (BUZIN, 2021).

2.1 – O que as pesquisas indicam sobre o tema do desinteresse estudantil? Uma revisão sistemática da literatura

Tendo realizado o estudo das teses e dissertações reunidas para esta pesquisa, verificou-se que não é possível pontuar uma única causa para o desinteresse dos alunos do Ensino Médio, frente à escola. Contudo, em meio a motivações diversas, foi possível observar algumas recorrências em suas justificativas. A primeira recorrência envolveu a participação do professor e da escola no processo de produção do interesse/desinteresse dos alunos. O segundo conjunto de justificativas abrangeu a percepção do ideário social acerca do espaço escolar e do sentido de estudar e aprender. Essas duas temáticas serão exploradas nos próximos parágrafos.

2.1.1 – A figura docente e a participação da escola na produção do (des)interesse estudantil

A participação do professor no desinteresse dos alunos do Ensino Médio pela formação escolar envolveu o emprego de argumentos que indicavam: a) um professor

indiferente frente ao conteúdo e aos seus alunos; b) professores que usam uma metodologia de ensino pouco atrativa; c) professores que não demonstram interesse por seus alunos. No caso da escola, se fizeram presentes as críticas em relação ao currículo empregado.

Iniciando pelo figura docente indiferente, o relato a seguir clarifica o ponto de vista dos estudantes, que se queixam de um certo desânimo no momento de ensinar, tomado pelos mesmos, como a manifestação de um despreço pelo conteúdo ministrado e pelos alunos que estão ali presentes:

(tipo) a aula não me chama atenção. Por causa do jeito que o professor fala, quando não me chama a atenção o jeito que ele tá falando ou eu vejo que a matéria, eu penso que (ah) ele tá falando desse jeito, meio que por cima, passando alguma coisa no quadro e pedindo pra gente copiar no livro parece que não é muito importante mesmo. Próprio professor transparece que é superficial. O problema é quando é isso o ano inteiro (FRANKIV,2016, p.166).

De modo geral, as pesquisas indicam que a falta de motivação de diversos professores da rede pública e privada, incentivam o desânimo entre os alunos. Em estudo desenvolvido por Oliveira (2017), ao ser questionado sobre o motivo de seu desinteresse pelos conteúdos ministrados em sala, um aluno respondeu que a sua desmotivação resultaria da: “falta de engajamento dos professores” (OLIVEIRA, 2017, p.30). Para Oliveira (2017), os alunos precisam “sobreviver” em uma escola ausente de sentido. Em suas palavras: “É responsabilidade da escola construir a interação, humanizar as relações, formar interesses. Sem significação não há possibilidade de interferência; é preciso intervir para que haja mudança nas significações.” (p.63)

Oliveira (2017) destaca que muitos professores e escolas criticam os alunos e os apontam como os portadores da indiferença, da ausência do interesse em aprender. Contudo, de acordo com a sua pesquisa, o autor acredita que:

(...) a indiferença que apresentam em relação aos conteúdos escolarizados radica no modo como são tratados: eles são os últimos na escola, os que menos contam ou importam, por mais paradoxal que esta ideia pareça ser. E a indiferença se torna, sob este ponto de vista, algo estrutural. Podemos chamar então de indiferença estrutural? Na escola em questão foi possível perceber um ensino não reflexivo, individualizado e individualizante, exercido por monólogos e textos/discursos prontos, em geral que culpabilizaos alunos, o sistema e as famílias (OLIVEIRA, 2017, p.73).

Oliveira (2017) procurou mostrar as discrepâncias existentes no contexto escolar, em que a maioria dos alunos permanece alheia aos professores, enquanto estes permanecem distantes dos alunos. Os relatos de diário de campo produzidos em seu estudoapresentam uma realidade preocupante. Os resultados mostram a dificuldade em despertar o interesse nos alunos do Ensino Médio em uma escola pública. Novamente, enxergamos

que professores desmotivados favorecem a manifestação do desinteresse dos alunos pela escola.

Ainda acerca do engajamento docente, Gouveia Júnior (2015) observou em sua pesquisa que há muitos alunos que não respeitam o professor, mas caso o professor consiga conquistar e cultivar a confiança e o respeito dos alunos, sua relação com eles pode ser ótima. Inicialmente, apontou que o ato de ensinar exige que o professor alcance o aluno mostrando-lhe o seu compromisso com o saber e a importância do saber para o desenvolvimento tanto de si mesmo, enquanto docente, como de seus alunos, em processo formativo.

Sob a perspectiva da metodologia pouco atrativa, há queixas que envolvem professores que não permitem a participação ativa do aluno em aula, restringindo os alunos ao ato de escutar e anotar os conteúdos ministrados, tal como ilustram os relatos a seguir:

Não gosto de estudar porque fica seis aulas sentado na cadeira escrevendo professor gritando.

Os professores são irritantes porque falam demais.

...eu não gosto de estudar por que os professores falam demais e a gente fica quais um mês falando da mesma coisa...

É chato estudar porque você tem que pensar, ficar quieta e prestar atenção e eu acho muito chato, ficar sentada horas escrevendo e ouvindo os outros falarem (Silva, 2010, p.146).

A forma de ensinar, por vezes, é tomada pelos alunos como antiquada: “Tudo ensinado de maneira arcaica.” (FRANKIV, 2016, p. 169). Por outro lado, para que se sintam interessados, os alunos enfatizam a dinâmica e a leveza com a qual a aula é conduzida:

Daí os professores que eu mais gosto são aqueles que não ficam presos naquele discurso que o aluno fica sentado lá, sem fazer nada. Eles fazem brincadeira, deixam conversar, fazem piada, dão um tempinho na aula. (FRANKIV, 2016, p. 178).

De acordo com Frankiv (2016), a metodologia defasada e a falta de didática foi a maior reclamação dos estudantes por ela pesquisados. Ao pontuar acerca da “falta de didática” os alunos apontam a metodologia ultrapassada dos professores, ou melhor dizendo, como os professores expõem o conteúdo que os alunos precisam aprender. Diante das queixas dos alunos, a autora afirma que o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, mas sim um mediador entre o aluno e o conhecimento. Não existe ensino sem aprendizagem. Para que o educador ensine, precisa ter certeza de que os alunos estão aprendendo. O professor que não está preocupado com os alunos, transmite o conteúdo de forma mecânica, precisando assim, refletir sobre as suas próprias práticas pedagógicas.

Para além do engajamento docente e da metodologia de ensino, os alunos apontam em suas falas a importância da relação entre professores e estudantes, na produção do interesse do alunado pela escola e aprendizagem. De acordo com os estudos revisados, a falta de identificação com os professores dificulta o processo de aprendizagem. A relação professor e aluno não é algo simples, pois para que esta exista é indispensável que haja afetividade, para que o educando encontre alegria e prazer nessa relação. Sob o ponto de vista da afetividade na relação professor-aluno, como favorecedora do interesse do estudante, observa-se que em alguns relatos os alunos indicam que seus professores favoritos são aqueles que possuem interesse por sua vida além da escola, tal como indica o relato a seguir: “ela é bem aberta, assim, ela conversa, não é aquela professora que não tem nenhuma ligação pessoal com você” (CROCHICK, 2011, p.107).

Sobre a atenção do professor por seus alunos, Biadola (2002) menciona, inclusive, sua relação com os processos disciplinares em sala de aula:

Um aluno que é privado da atenção do professor poderá agir de duas formas, para atrair sua atenção; ou ele vai prestar atenção e participar da aula, para que o professor o note, ou fará algazarra atrapalhando desta maneira seus colegas e consequentemente a aula (BIADOLA, 2002, p.17)

De acordo com Biadola (2002), o relacionamento entre professores e alunos é de grande importância para motivar os alunos em sua aprendizagem. Para tanto, o diálogo entre docentes e alunos seria fundamental, favorecendo a dimensão interativa do processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, enxergamos que a falta de afetividade entre o professor e aluno contribui para o desinteresse dos estudantes do Ensino Médio, onde nota-se que as práticas pedagógicas utilizadas pelo professor podem agravar a falta de interesse que os jovens têm pelo ambiente escolar. Ou, contrariamente, estimular o aluno – gerando interesse, diante dos retornos produzidos pelo professor, tal como ilustra a passagem a seguir:

A: [...] Aí no outro ano, eu não lembro quem era a professora, mas ela conversava comigo, eu escrevia e ela falava o que era melhor mudar...Me chamava pra conversar pra falar sobre o texto. Aí tinha concurso literário na escola e eu entrava...Aí quando eu mudei pra cá eu entrava também...Aí ela falou que eu deveria escrever, que eu não deveria parar. E eu não lembro nem do nome, nem do rosto dela...

P: E você acha que fez diferença ela ter falado isso?

A: Sim, senão eu teria parado. Por causa dessa professora do ano anterior, eu não sabia ainda que gostava, que queria mostrar pra ela...Aí depois, com essa professora, que eu fui ver que gostava de escrever...Mas eu precisava ver que eu gostava.

Por fim, um último comentário sobre o envolvimento docente na produção do (des)interesse do aluno inclui a ideia de um bom professor, que circula na mentalidade dos

alunos. Partindo da visão de alguns estudantes, o bom professor é aquele que tem método excelente, levando o aluno a aprender com facilidade. Outros alunos, por sua vez, definem o bom professor como aquele que desperta interesse e consegue manter a disciplina na sala. Para os estudantes o bom educador é “o professor que sabe explicar e alunos que prestam atenção” Os estudantes também explicaram como é uma boa aula “uma boa aula é aquela que é dinâmica e interativa” (CROCHICK, 2011).

Sob o ponto de vista curricular, os alunos apontam a falta de contextualização dos conteúdos com seus conhecimentos, experiências e expectativas de vida: “Igor: Acho que tinha que ser mais focado para aquilo que você quer fazer da vida” (GOUVEIA JÚNIOR, 2015, p.155).

Quando indicam a necessidade da escola dialogar mais com a realidade em que está inserida e promover soluções com os alunos, o discurso torna-se unânime: todos desejam que a escola ofereça mais situações de vivências sociais, mais trabalhos de campo que aproximem os conteúdos vistos em sala com a realidade vivenciada pelos alunos:

Bianca: Então, né, tinha que ter um incentivo maior né, mais feira de produção na escola.

Dandara: Tinha que ter mais passeio, a gente não pode mais fazer passeio.

Gabriela: É, não pode fazer passeio aqui, eu nunca fiz passeio nessa escola.

Jordana: Desde que eu estou aqui eu só saí uma vez da escola, eu estava na sétima série. Foi pro Morro do Diabo E nem era da minha sala, era da oitava, aí sobrou lugar no ônibus e eu fui. (GOUVEIA JÚNIOR, 2015, p.155/156).

Em termos metodológicos e curriculares, o desenvolvimento do conteúdo em sala de aula deve fazer sentido para o aluno, superando um ensino centrado em dados factuais e conceituais. O aluno espera uma clara relação entre os conteúdos ensinados e sua vida/realidade, tal como indica o relato a seguir:

(...) Eu pelo menos não gostava muito (de História Judaica) (...). Ai veio a Marcha e mudou tudo completamente. Antes a gente só ficava vendo as datas, quem fez o quê, quando quem subiu no poder, bláblá, quando aconteceu...A gente não estudava o que aconteceu no holocausto. Aí a gente foi pra Marcha e começou a ter uma noção de tudo aquilo que tavam passando, que não era uma coisa chata, é uma coisa que aconteceu, como foi triste... (CROCHICK, 2011, p.108).

A fim de contextualizar tal relato, convém mencionar que a “Marcha” consiste no projeto Marcha da Vida, que ofereceu aos jovens da escola investigada a oportunidade de viajarem para a Polônia e depois para Israel. Para Crochick (2011, p. 108) o “contato com os campos de concentração pode ter feito com que Samanta se interessasse mais pela História Judaica por permitir que ela se reconhecesse como parte daquilo que estuda”. Tal contato teria reduzido a distância da aluna em relação à cultura e ao currículo escolar.

Entre as causas recorrentes que implicam o desinteresse dos alunos, inclui-se a falta de interdisciplinaridade nos conteúdos desenvolvidos na escola. Alunos de diferentes instituições relatam que a falta da relação entre teoria e prática no ambiente escolar torna o ensino incompleto, impossível de ser assimilado. Os estudantes reclamam que os conteúdos ministrados pelo professor não estão presentes na prática do dia a dia (GOUVEIA JÚNIOR, 2015).

Na relação entre conteúdos escolares e desinteresse dos alunos, observa-se o pouco diálogo dos conteúdos entre si e, conseqüentemente, os alunos não conseguem estabelecer uma relação entre as diferentes disciplinas estudadas. Para Gouveia Júnior (2015), aparentemente os estudantes prestam atenção na aula e demonstram estar ligados aos conteúdos, mas diante de uma avaliação ou quando são convidados ao diálogo, os estudantes demonstram não possuir nenhum conhecimento sobre o assunto abordado. Os alunos do Ensino Médio pouco levam para casa ou roda de amigos dos conteúdos que foram apresentados em sala de aula. (GOUVEIA JÚNIOR, 2015).

Crochick (2011) concorda com os apontamentos elaborados por Gouveia Júnior (2015) sobre o modo como o currículo afeta o interesse dos alunos. Para a autora, há muito o que se ensinar e muito que aprender, mas o que se aprende pouco está relacionado à realidade dos jovens. Os estudantes não encontram sentido no saber e não possuem vontade de entender os conteúdos desenvolvidos.

2.1.2 Função da escola

Parte das pesquisas estudadas entenderam que investigar o sentido da escola para os estudantes do Ensino Médio seria elucidativo frente ao interesse em conhecer a origem do desinteresse pelo ensino e aprendizagem. Este seria o caso, por exemplo, da pesquisa desenvolvida por Reis (2014). Neste estudo a autora realizou entrevistas com estudantes de uma instituição privada, dividindo-os em dois grupos: os interessados e os desinteressados. Os alunos interessados consideram a escola indispensável para a formação integral do ser humano, tal como ilustra o depoimento a seguir:

Eu acho que a escola, principalmente, é o lugar onde você nunca vai sair a mesma pessoa. Você entra e sai, todo dia você sai uma pessoa diferente, porque você aprende a ver as coisas de um modo diferente. Eu acho isso bárbaro, muito legal. Eu acho que não importa o que você aprende na escola, aquilo com certeza vai te tornar outra pessoa. Porque nem, não só o conteúdo que é passado, mas simplesmente a convivência com outras pessoas da sua faixa etária, a convivência com professores, com os diretores, com... Esse ambiente escolar, eu acho que por si só já encaminha, já faz é, um ser humano, né? (REIS, 2014, p. 202)

Por outro lado, os estudantes não interessados apresentam uma relação instável com a escola, sempre marcado por um condicionante. Assim, se o professor for bom, os alunos prestarão atenção na aula; se o conteúdo agrada, se dedicarão ao estudo; se as matérias forem legais, participarão do que na aula ocorre; se precisarem de boa nota, realizarão as tarefas solicitadas. Nas palavras da autora: “Sua vinculação ou não à escola e, em consequência sua aprendizagem, está claramente associada ao que a escola tem a lhes oferecer de modo objetivo.” (REIS, 2014, p. 202). A seguir, os depoimentos dos alunos desinteressados em sua perspectiva diante da aprendizagem:

E: Você vem estimulada?

C: Não. Depende do dia, depende das aulas, de quando olho pros horários...

E: Você acha que você seria classificado como um aluno interessado, na aula?

M: Depende. Depende do bimestre. (Risos) É, depende do dia também!

E: Depende do...

M: É, tem dia que eu tô de saco cheio, não querendo fazer nada. Aí venho pra escola, não tenho vontade nenhuma. Aí... (REIS, 2014, p. 203)

A pesquisa desenvolvida por Crochick (2011), ao tratar sobre o interesse e a função do ensino médio, entre alunos de escolas particulares, obteve as seguintes respostas: “Preparação para o vestibular, para entrar em uma boa universidade” e “Formação para a vida adulta”. Essa perspectiva que relaciona a escola com o processo formativo futuro, contudo, não se faz presente em meio a uma parcela dos alunos das escolas públicas, tal como indica o estudo elaborado por Gouveia Júnior (2015). Partindo das entrevistas, o pesquisador observou que os estudantes não demonstram interesse em dar sequência aos estudos, após o término da escola. Para os estudantes, o curso superior não garante alta remuneração e muito menos um grande reconhecimento. Portanto, os jovens estudantes não estabelecem uma relação entre o estudo e a estabilidade financeira, fator que pode explicar o pouco interesse pelo conhecimento entre os mesmos.

Silva (2010) durante o processo de coleta de dados realizado por meio de uma entrevista com estudantes do Ensino Médio da rede pública, questionou os alunos sobre o

real motivo de sua ida à escola. O pesquisador identificou diferentes motivos para a assídua frequência às aulas, contudo as justificativas não indicavam a percepção, entre os alunos, da função formativa da escola:

Porque sou obrigado(a); “Porque minha mãe manda”; “Porque não tenho mais nada pra fazer”; “Porque é muito chato ficar o dia todo em casa”; “Para encontrar meu namorado”; “Para encontrar outras pessoas”; “Porque tem alguns garotos gatões”; “Porque sim”; “Para conhecer pessoas novas”; “Fazer amigos e bagunçar” (SILVA, 2010, p.97).

Nota-se que os alunos não veem a escola como um espaço de oportunidades, de formação para o futuro. O conhecimento escolar é, por vezes, entendido como desnecessário: “A educação não faz falta! Já estou empregada, trabalho muito e não tenho tempo para estudar!” (SILVA, 2010, p.98).

Mesmo havendo diferenças de perspectiva de vida entre os alunos das escolas públicas e particulares, os estudantes das escolas particulares não desejam uma escola tão somente para prepará-los para o futuro, o vestibular ou para a vida profissional. Em meio a estes alunos, estudar apenas pensando no futuro, torna o ensino desinteressante, tal como foi observado em seus discursos sobre o currículo escolar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo de conhecer as justificativas dos alunos de Ensino Médio diante do seu desinteresse pela escola e aprendizagem, esta pesquisa dedicou-se ao trabalho de revisar teses e dissertações que estudaram o tema em questão, usando como metodologia a escuta dos estudantes. Para tanto, foram examinados sete trabalhos, cujos dados ofereceram pistas acerca da origem do desinteresse estudantil, as quais serão retomadas a seguir.

De modo geral, pode-se afirmar que os estudantes percebem que as metodologias utilizadas em sala de aula não são atraentes e geram, a longo prazo, o desinteresse. Esta conclusão coincide com a percepção de Oliveira (2017), cujo estudo indica que a escola e seus conteúdos estão distantes de promover o interesse dos estudantes, justamente por não haver espaços em que significados sejam negociados e que novos sentidos sobre o papel da escola em suas vidas possam ser configurados. Nestas pesquisas, sugere-se que a escola se aproprie de momentos de discussões e permita que estes momentos sejam cada vez mais frequentes, substituindo aulas com metodologias defasadas por momentos que envolvam aprendizado ativo e troca de conhecimentos (FRANKIV, 2016).

O engajamento docente também foi mencionado pelos alunos. Os estudantes esperam por professores que se interessem em ministrar aulas de qualidade, ao mesmo

tempo que demonstrem preocupação com o aprendizado dos alunos. Os alunos ainda indicaram sua expectativa por professores que os considerem como pessoas, merecedoras de sua atenção, não só no aspecto acadêmico, mas também sob o ponto de vista da vida pessoal.

De acordo com Biadola (2002) o desinteresse dos alunos vincula-se com aspectos que envolvem o relacionamento professor-aluno; a empatia em sala de aula e a autoestima do estudante. Tais elementos são fatores motivacionais que caminham para o interesse do aluno no processo de aprendizagem. Esses dados sugerem, portanto, a necessidade da conscientização da equipe pedagógica dos fatores motivacionais presentes na aprendizagem.

O currículo escolar também foi objeto de críticas por parte dos estudantes. Os alunos indicam que quanto mais os conteúdos se afastam do seu cotidiano, mais o desinteresse pela aula se manifesta. Houve, ainda, queixas em relação à ausência de um ensino que contextualize os conteúdos das diferentes áreas do saber. Em termos de conteúdos de aprendizagem, os alunos não querem saber apenas os conteúdos que lhes trarão aprovação no vestibular. Existe a necessidade do ambiente escolar ser capaz de dar lugar aos interesses dos alunos pelo mundo e pelo saber e, assim, não se limitar meramente a compreender como objetivo final da escola a aprovação do aluno em um determinado processo seletivo (CROCHICK, 2011).

Quanto à função social da escola, nota-se que faz parte das atribuições da escola indicar a sua finalidade para os alunos. A escola precisa esclarecer a sua importância, indicar os ganhos que ela é capaz de proporcionar aos estudantes. Buscar entender o contexto sociocultural, anseios, interesses e perspectivas futuras do aluno, implica diretamente no desenvolvimento emocional, afetivo e sobretudo na aprendizagem dos estudantes. Quanto ao papel do educador e da escola, destaca-se seu papel motivador. A motivação precisa ser constante no processo de ensino-aprendizagem, pois o bom professor é aquele que além de dominar os conteúdos da disciplina, consegue motivar os alunos estimulando seu desenvolvimento. Sobre a perspectiva escolar, convém que a mesma reveja seus métodos de ensino, sua organização curricular e até mesmo, o modo de avaliar e dialogar com seus estudantes.

4. REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e Pedagogia: geral e brasil.** São Paulo: Editora Moderna, 2006.

BIADOLA, Vilma. **Motivação para aprendizagem dos alunos do Ensino Médio de uma escola:** estudo de caso. 2002. 80 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Produção, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS. **Tipos de revisão de literatura.** Botucatu, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

BIN, Ana Clara. Como explicar a 'falta de interesse' dos alunos? **Encontro:** Revista de Psicologia. v. 14, n. 20, p. 117-133, 2011.

BÜRKLE, Daisy Claret Geraes. **Motivação, a chave do interesse pelo saber:** o que pensam e como agem alunos e professores (des)motivados. 2001. 290 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Ilhéus, 2001.

BUZIN, Karina dos Santos de Moura. **Interesse e esforço:** uma análise histórica a partir da teoria de John Dewey (1859-1952). 2021. 128f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.

CROCHICK, Nicole. **Interesse de saber:** um estudo com adolescentes do Ensino Médio. 2011. 130 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DEWEY, John. **John Dewey Vida e Educação.** 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

FRANKIV, Marianna Angonese. **O (Des)interesse dos Estudantes do Ensino Médio Integrado em uma Instituição Federal de Ensino.** 2016. 285 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

GOUVEIA JÚNIOR, Sérgio Augusto. **Jovens alunos no Ensino Médio e suas relações com a sala de aula.** 2015. 193 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

INSTITUTO UNIBANCO. Evasão ainda é um dos maiores desafios do Ensino Médio. **Aprendizagem em foco.** Nº 37, novembro, 2017. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/37/>. Acesso em: 07 set. 2021.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação** – O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1995.

OLIVEIRA, Cássio Rodrigo de. **A indiferença de estudantes do Ensino Médio pelo conhecimento escolarizado:** reflexões de um psicólogo a partir da perspectiva Histórico-Cultural. 2017. 90p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2017.

REIS, Roseli Regis dos. **Juventude e conhecimento escolar:** um estudo sobre o (Des)interesse. 2014. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

ROCHA, Eliezer Pedroso da. **O princípio de continuidade e a relação entre interesse e esforço em Dewey**. 2011. 160 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, César Augusto Alves da. **Indústria cultural, educação escolar e currículo: a contradição ocultada e o desinteresse dos alunos pela educação formal**. 2010. 175 p. Dissertação (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

Contatos: lays.emidian@hotmail.com e milena.silva@mackenzie.br